

Penso, logo o Eu existe!

Estudo da relação entre a *res cogitans* cartesiana e o Eu hegeliano

Tomás Farcic Menk *

Data de submissão: 31 maio 2011

Data de aprovação: 18 jul. 2011

Resumo

Pretendemos neste artigo discutir uma possível aproximação de dois autores fundamentais na história da filosofia moderna, a saber, Descartes e Hegel, através de uma questão também caríssima a esse período do pensamento humano: a relação entre o ser e o pensar. Longe de tentar esgotar o tema, iremos, através de um recorte preciso no texto de ambos os autores, entender em qual medida a formulação cartesiana da *res cogitans* é similar ao conceito de *sujeito pensante* hegeliano. Pretendemos, assim, demonstrar que, para estes pensadores, a unidade entre o ser e o pensar é elementar e fundamental, e que disto decorre uma filosofia na qual é fundamental pensar sobre o pensar. Para tanto, recorreremos ao texto cartesiano *Meditações metafísicas* e ao texto hegeliano *Enciclopédia das ciências filosóficas*.

Palavras-chave: Eu; ser; pensar; Descartes; Hegel.

Abstract

We intend to bring forth in this work two fundamental authors in the History of Modern Philosophy, namely, Descartes and Hegel, and due to the importance to this period of human thought also to consider the relationship between being and thinking. Far from exhausting this theme, we will try, through a particular cutout of the text of both authors, to understand to what extent the formulation of the Cartesian *res cogitans* is similar to the Hegelian concept of thinking subject. We intend, therefore, to demonstrate that the unity of being and thinking is elemental and fundamental for these thinkers, and from it follows a Philosophy to which is crucial to think about thinking. For this end, we will use the Cartesian text *Metaphysical meditations*, and the Hegelian text *Encyclopedia of the philosophical sciences*.

Keywords: I; being; thinking; Descartes; Hegel.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Introdução

Este artigo propõe-se a fazer uma análise de algumas partes de textos que expressam o pensamento de dois autores que exerceram uma grande influência no pensamento ocidental, a saber, Descartes e Hegel. Eles se encontram nos extremos opostos do período do pensamento humano comumente conhecido como filosofia moderna. Se por um lado Descartes está no início desta época ao fazer do pensar o centro da filosofia, estabelecendo racionalmente o seu método e desvinculando-a de bases dogmáticas da fé cristã, Hegel está no final desta, ao levar ao extremo a razão.

A nossa proposta é investigar alguns trechos das obras destes autores para tentar identificar paralelos entre a concepção de “*res cogitans*” de Descartes e a concepção de “sujeito pensante” de Hegel.

Nesse sentido, o nosso trabalho será dividido em três seções. Na primeira, iremos trabalhar a filosofia cartesiana, mais especificamente nos dois primeiros capítulos das *Meditações metafísicas*, na busca de compreender a função do *Cogito* e da expressão “penso, logo existo” na sua filosofia. Para tanto será necessário também compreendermos a noção de dúvida, e como esta é usada como instrumento metodológico para construir um cenário hipotético, no qual nada pode ser colocado como certo, e que só a unidade do pensar com o existir pode, por fim, ser uma base sólida de apoio à construção de toda uma ciência.

Na segunda, analisamos os primeiros parágrafos da *Ciência da lógica* hegeliana, que constitui o primeiro livro da *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio*, de 1830, no intuito de trabalhar a questão do eu e do pensar. Desta forma devemos estudar através do movimento próprio da obra hegeliana, como o pensar se coloca em relação ao ser, como são postos em unidade, e como se constrói esta relação.

Por fim, tentaremos, na terceira seção, compreender até que ponto se pode aproximar a *res cogitans* de Descartes e o sujeito pensante de Hegel, com vistas também a noção de Eu contida no início da *Enciclopédia*. Utilizaremos como apoio neste trabalho o capítulo das *Lições de história da filosofia* em que Hegel disserta sobre a filosofia cartesiana.

1. O “*Cogito ergo sum*”

Descartes se encontra em um período de grandes mudanças na história da humanidade. As antigas explicações dadas pelos medievais e pela Igreja para as questões do mundo e da vida já não amparam mais o espírito do homem moderno europeu. Ele precisa agora de provas e, portanto, uma nova estrutura de ciência, que não é mais pautada na retórica, mas sim em observações e nas ordens da razão. Neste movimento nascem almas notáveis como Galileu, Copérnico, Francis Bacon e Descartes que dedicaram toda a sua vida em reconstruir as estruturas das ciências e criam uma nova forma de relação do homem com o mundo.

É neste ambiente que Descartes inicia as suas *Meditações*. Ele afirma que desde jovem recebeu várias informações tidas como verdades, mas que não resistiam ao crivo da análise racional. Assim, surge o primeiro propósito das *Meditações*: derrubar todo falso conhecimento e estabelecer um solo firme para construir os pilares de todo e qualquer conhecimento científico.

E como o filósofo poderá por abaixo todas estas opiniões falsas? A resposta é simples: pela dúvida. Este é o primeiro método que Descartes se empenhará a fazer nas *Meditações*, duvidar de tudo que puder ser duvidado. Assim, o primeiro objeto das dúvidas cartesianas é os dados obtidos pela experiência. Ora, é comum que os sentidos às vezes nos falhem, mostrando algo distorcido ou simplesmente que não existe, como por exemplo, quando chove fortemente e olhamos pela janela e não conseguimos identificar se vemos na rua um gato ou um cachorro, por mais que estejamos familiarizados com estes animais e com esta rua. Descartes (1962, p. 118) nos diz que:

Tudo o que eu recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

Porém é fácil negar a existência de objetos distantes, eventuais e circunstanciais. É muito mais difícil negar as coisas que nos são próximos. Somente um louco seria capaz de afirmar que “estão vestidos de ouro e de púrpura quando estão inteiramente nus” (Descartes, 1962, p.119).

Mas existem alguns sonhos, argumenta Descartes, que são tão reais que é difícil distingui-los da vida ordinária, que só percebemos a diferença quando acordamos. Várias vezes sonhamos que estamos vivendo em outro

país, ou que somos animais, e é tão real este sonho que acreditamos que este é o mundo verdadeiro. O filósofo escreve:

[...] quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente nu dentro de meu leito? [...] vejo tão manifestadamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: e meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo. (Descartes, 1962, p. 119)

Esta é a segunda etapa da dúvida cartesiana. Esta colocação refina a investigação da dúvida, para poder analisar aquilo que a primeira etapa não foi capaz de fazer. Como podemos distinguir o que sentimos quando estamos acordados do que quando estamos dormindo?

A segunda etapa da dúvida implica que duvidemos de todos os dados empíricos, porém, assim como a primeira dúvida ela encontra as suas limitações. Ela ainda não pode ser universalizada, pois há coisas que fogem a sua capacidade de análise, a saber, estes elementos básicos e racionais como a distância, tempo, espaço, quantidades etc.

Assim, o próximo passo das *Meditações* é submeter à dúvida estas ciências que não necessitam de dados empíricos, e lida com as coisas mais elementares possíveis, como a matemática. Como é possível duvidar de algo tão elementar como a soma de um mais um ser dois? O filósofo cogita, então, a hipótese de um Deus que com sua onipotência, seria capaz de me enganar a todo instante, e toda vez em que eu imaginar aquela soma, eu pudesse me enganar. O autor formula este argumento da seguinte maneira.

[...] pode ocorrer que Deus tenha desejado que eu me engane todas as vezes em que faço a adição de dois mais três, ou em que enumero os lados de um quadrado, ou em que julgo alguma coisa ainda mais fácil, se é que se pode imaginar algo mais fácil que isso. (Descartes, 1962, p. 121)

Este argumento busca sustentar que Deus, do mesmo modo com que criou os homens, poderia enganá-los sempre, fazendo que absolutamente tudo que afirmamos, até mesmo as idéias simples da matemática, esteja sujeito a dúvida. Afinal, quem asseguraria que um triângulo teria, verdadeiramente, três lados? Também esta representação poderia ser enganosa se Deus, onipotente, engana.

Assim, após passar por todas as etapas da desconstrução do nosso saber efetuada pela dúvida radical vemos que não sobrou nada em que possamos estabelecer uma ciência. Tudo pode ser apenas uma enganação de

Ano IV, número 1, jan.-jun. 2011

um ser superior. Nasce disto, talvez o mais famoso raciocínio da história da filosofia. Ora, eu posso duvidar de tudo que existe ou de real que podemos conceber no mundo, porém é impossível que eu duvide que esteja duvidando, e sendo este duvidar um exercício do pensar, podemos chegar à máxima: *penso, logo existo*. Está é a primeira verdade estabelecida pelas *Meditações* de Descartes. É possível que duvide de meu corpo, da realidade, dos meus sentidos, porém é impossível duvidar da minha própria existência, já que estou executando a atividade de duvidar. Mesmo se o gênio maligno me engane, isso só é possível que ocorra enquanto eu existir e esteja sendo enganado.

Nas *Meditações* temos a passagem:

Mas há algum, não sei qual enganador mui poderoso e mui ardiloso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, *eu sou, eu existo*, é necessariamente verdadeira, todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito. (Descartes, 1962, p. 125-126)

Descartes está irresistivelmente inclinado a aceitar que é enganado, persuadido de que é burlado a cada instante em que é. Do mesmo modo que, em cada vez que é enganado, duvida; e que, ao duvidar, é alguma coisa. Afinal, se o enganador engana, o faz com algo ou alguém. Descartes vê nisso a evidência necessária para afirmar que, enquanto duvida, o que já seria uma forma de pensar, esteja enganado ou não, ele efetivamente é. Ou seja, enquanto penso, duvido, ou sou enganado, ‘eu sou, eu existo’, e isto é indubitável e incontestável.

Assim, toda vez que penso, sem exceção, eu existo. Não existe um só tempo que eu pense e não exista e é impossível duvidar disto. Vemos que a primeira, mais simples e mais evidente verdade para Descartes é a existência do Eu, e do Eu enquanto ser pensante.

Esta é a primeira verdade obtida por Descartes depois de iniciado o empreendimento da dúvida metódica. Com esta, ele já possui um terreno mais sólido para que se construa um novo. Assim como a dúvida pretendia derrubar o edifício das antigas ciências, esta verdade é o primeiro alicerce do novo prédio da nova ciência. Vemos, portanto, que a existência do Eu e a sua íntima relação com o pensar é a base da filosofia que Descartes irá estruturar.

Afirmar que se é, ou que existe, na medida em que se pensa ou que duvida, é para o autor uma proposição necessariamente verdadeira, pois ela resiste às objeções céticas e à dúvida. Uma vez que, posso duvidar de tudo, menos de que sou, e mesmo enganado pelo gênio maligno, eu, ainda assim, sou ou existo como aquele que é enganado.

Esta preocupação do filósofo sobre o que ele é se expressa da seguinte forma: “Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo o tempo que eu penso; pois poderia, talvez, ocorrer que, se eu deixasse de pensar, deixaria ao mesmo tempo de ser ou de existir.” (Descartes, 1962, p. 128). Esta pergunta pelo que sou enquanto duvido só pode ter coerentemente a resposta: sou algo que dúvida, ou sou algo que é enquanto duvida ou pensa. Desta forma podemos compreender o que Descartes considera como Eu, ou seja, Eu sou enquanto penso.

2. O Eu na *Enciclopédia* hegeliana

Após termos abordado o “penso, logo existo”, analisaremos a obra hegeliana *Enciclopédia das ciências filosóficas*, principalmente no seu “Conceito Preliminar”, para analisar o que Hegel compreende por Eu.

Em sua primeira frase desta obra, Hegel (1995a, §1) afirma que “A filosofia não tem a vantagem, de que gozam as outras ciências, de poder *presupor* seus *objetos* como imediatamente dados pela representação; e também como já admitido o *método* do conhecer”. A física, por exemplo, tem um objetivo claro: estudar as leis da natureza. A biologia estuda os seres vivos. Assim, todas as ciências possuem, sem precisar de uma reflexão ou uma consideração maior, objetos que já são predeterminados pela própria ciência. Mas e a filosofia? Qual é o seu objeto de estudo, visto que ele a considera como uma ciência também?

No parágrafo seguinte Hegel (1995a, §2) nos dá a resposta:

Inicialmente, a filosofia pode determinar-se, em geral, como *consideração pensante* dos objetos. Se é correto (e será bem correto) que o *homem* se distingue dos *animais* pelo pensar, tudo o que é humano é humano porque – e só porque – se efetua por meio do pensar.

Vemos, portanto, que o objeto imediato da Filosofia é o pensar. Podemos perceber também que a Filosofia é a atividade de pensar, e que este possui, por sua vez, os seus objetos. Mas o objetivo da filosofia não é imediatamente evidente, como colocado anteriormente, e este pensar

também não é imediatamente evidente. Ele precisa se conhecer, se mediar. Assim, o pensamento deve se aprofundar nos objetos, e o este movimento que Hegel chama de Lógica.

A Filosofia se constitui, dessa forma, como absoluta, pois todo ser pensante pode fazê-la, e nela os objetos se tornam conceitos. O que difere o homem do animal, diz Hegel de forma semelhante a Aristóteles, é que o homem pode se locomover no mundo dos conceitos. O animal não consegue fazer abstrações racionais.

Mas o que é este pensar? Para o filósofo, ele não é qualquer tipo de imaginação ou devaneio, ou meramente representações abstratas. Mas sim que, no pensar, ele faz-se a si objeto, pensa sobre o pensar e é isto que o qualifica como atividade filosófica. Desta forma, este pensamento é o movimento em que o pensar realiza no próprio pensar, ou seja, o pensamento atua o pensamento. Na *Introdução às lições de história da filosofia*, Hegel (1995b, p. 66) escreve que: “O homem é pensando; e, então, ele pensa os pensamentos. No pensar, só o pensar é objeto, a racionalidade produz [algo de] racional, a razão é-lhe objeto”.

Este pensar surge, na *Enciclopédia*, de forma concomitante ao *Eu*. Hegel (1995a, §20) diz:

Tomemos o pensar em sua representação que fica mais próxima; então ele aparece: 1) primeiro em sua significação habitual subjetiva, como uma das atividades ou faculdades espirituais, *ao lado* de outras – da sensibilidade, da intuição, da fantasia, etc.; do desejar, do querer etc. Seu *produto*, a determinidade ou a forma do pensamento, é o *universal*, o abstrato em geral. O *pensar*, enquanto atividade, por conseguinte é o universal *ativo*, e de fato o universal que se atua; enquanto o ato – produzido – é justamente o universal. O pensar, representado como *sujeito*, é o [sujeito] *pensante*, e a expressão simples do sujeito existente como [ser] pensante é o *Eu*.

Neste parágrafo, vemos que o pensar é posto em contraste com as outras atividades do espírito humano, como a sensibilidade, a intuição, entre outras. A diferença é que o pensar lida com o universal, e estas outras atividades não. O sensível, por exemplo, trata somente do singular das coisas obtidas pelos sentidos humanos, como esta casa, esta escada, aquela árvore. Estas outras atividades do espírito não podem gerar universais e, portanto, não podem ser consideradas como a mesma espécie de atividade que o pensar como tal. Desta forma a filosofia não pode ser uma ciência intuitiva, ela precisa ser mediada.

Para Hegel o saber e o conhecimento só são acessíveis a quem se dedica e trabalha arduamente para alcançá-la. E este trabalho é, enquanto

Filosofia, o pensar que possui como objeto o próprio pensar, e, assim, gera a si mesmo e dá a si mesmo o seu objeto. Esta atividade tem como resultado um universal, e o pensar em atividade consiste no universal ativo.

O pensar é universal, pois permeia todas as outras minhas faculdades. Se, por exemplo, vejo uma cadeira, eu só a vejo e só a sinto naquele momento. Porém o meu pensar é capaz de perpassar a minha sensibilidade, a minha intuição e a minha representação (a visão da cadeira). Ou seja, eu só sou “completo” enquanto pensante, pois só o pensamento é capaz de permear todos meus atributos espirituais. Ora, se o pensar é aquilo que está em todas as características do meu Eu, Hegel o determina como sujeito pensante. Porém, este pensamento ainda é como imediato. É uma relação simples entre o Eu e o pensar, sem mediações.

Assim, definido o Eu como o sujeito pensante, Hegel se ocupará em analisar como estas relações do pensar se desenvolvem, e quais são as características que elas acarretam, ou seja, como ocorre a mediação entre o Eu e o pensar. Ele diz que:

Enquanto o pensar é tomado como ativo em relação a objetos – *a reflexão sobre* algo – o universal, enquanto é um produto dessa atividade, contém o valor da coisa: *o essencial, o interior, o verdadeiro.*

[...] o verdadeiro nos objetos, nas estruturas, nos princípios constitutivos, nos acontecimentos – o interior, o essencial, a Coisa que importa – não se encontra *imediatamente* na consciência, não é já o que se oferece à primeira vista e à primeira idéia; mas deve-se *refletir* antes para aceder à verdadeira estrutura constitutiva do objeto, e isso se consegue por meio da reflexão. (Hegel, 1995a, §21)

Surge, então, a reflexão¹ (*Nachdenken*). Nós, seres humanos, somos capazes de perceber as coisas do mundo e seus fenômenos. Vemos, por exemplo, frequentemente a chuva, o crescer das árvores, o desabrochar das flores, mas não nos contentamos apenas com o conhecimento superficial e de mera observação destes fenômenos, queremos saber o que está por trás deles, queremos conhecer. Disto vem a reflexão, que quer saber as causas. Por isso o homem reflete, pois ele busca o que está no “cerne” dos fenômenos. Assim dividi-se o fenômeno em dois, o interior e o exterior. O interior do fenômeno é aquele que se refere não apenas a esta planta ou

¹ Esta reflexão não é no mesmo sentido da reflexão kantiana. Aqui, a reflexão, ou entendimento, é só um momento da Idéia Lógica, a saber, o momento que separa, divide. Esse só é um dos momentos do pensar. Ele posteriormente vai ser suprassumido em um pensar concreto, que compreende tanto o subjetivo como o objetivo, portanto, um pensar que não se limita a separação do mero entendimento.

aquela planta, mas também ao que permanece o mesmo em todas plantas. O exterior consiste em algo singular que nos apresenta através do sensível (esta planta, esta árvore), e é este exterior que nos apresenta uma infinita multidão de figuras e fenômenos singulares. É pela reflexão destes fenômenos singulares que se alcança a essência das coisas, que se chega a um universal que se refere a todos os singulares.

O sensível é um singular e evanescente o que nele permanece, aprendemos a conhecer por meio da reflexão. Mostra-nos a natureza uma infinita multidão de figuras e fenômenos singulares. Precisamos de levar a unidade a essa multiplicidade vária: por isso nós comparamos e buscamos conhecer o universal de cada coisa. Os indivíduos nascem e perecem; o gênero é neles permanente, o recorrente em tudo, e só à reflexão se faz presente. Disso fazem parte também as leis, como por exemplo as leis do movimento dos corpos celestes. (Hegel, 1995a, §21, “Adendo”)

Quando percebemos um objeto, primeiramente o temos como algo singular. Quando, por exemplo, vemos uma cadeira, vemos “aquela” cadeira. Ao refletirmos sobre ela, conseguimos apreender a verdadeira natureza implícita a este objeto, o que faz dela uma cadeira e não uma mesa. Ao nos perceber desta natureza real de uma cadeira, muda para nós o que compreendíamos inicialmente como uma, ou antes, como simplesmente a víamos. Se ela era apenas uma cadeira, um objeto singular, agora eu conheço a sua real natureza, e assim tomo consciência dela.

Porém, a reflexão como estamos definindo aqui não é todo o pensar, nem defendemos que Hegel pretende fundar uma filosofia da reflexão, mas muito antes é um “instrumento” do pensar. Ele é um dos momentos da Idéia Lógica. E como instrumento, tem a função de trazer as coisas que não são propriamente um pensamento (como, por exemplo, o sentir) para a interioridade do pensar, e este os transforma em conceito. Assim, a reflexão tem a capacidade de modificar todos os elementos do espírito em pensar. Nas palavras de Hegel (1995a, §5): “em todo caso, a reflexão faz pelo menos mudar os sentimentos, as representações etc. em pensamentos”.

Após todas estas considerações acerca da Lógica, podemos, com Hegel (1995a, §24), concluir que “segundo essas determinações, os pensamentos podem ser chamados *objetivos*. Entre eles há que contar-se também as formas que primeiro são estudadas na Lógica ordinária e costumam ser tomadas unicamente por formas *do pensar consciente*”.

Tendo em vista as definições anteriores de pensar, podemos chegar à conclusão que o pensamento não é algo meramente subjetivo, mas antes, como Hegel nos diz aqui, são objetivos. Eles o são porque estão em relação

íntima com a essência dos fenômenos. Não é um pensar isolado do mundo que apenas julga os fenômenos, e não tem acesso as suas realidades últimas, mas antes é um pensar que, através da reflexão (mediação), se põe em unidade com os objetos, e que assim, e só assim, consegue-se alcançar a verdade. Aqui, o pensar supera a limitação da reflexão, do entendimento, pois ao investigar o objeto descobriu nele as mesmas determinações do seu pensar e, portanto, sujeito e objeto estão em unidade.

O pensar, como objetivo, é a própria determinação interna e inerente ao objeto. Quando Hegel mostra o pensar tanto como subjetivo quanto objetivo, na sua universalidade, ele não está colocando o pensar do indivíduo, o pensar daquela pessoa ou de qualquer outra, mas sim o que é próprio de todos os pensares, ou seja, o único pensar. Como Hegel diz: “em si só existe um pensar”.

Porém, embora o pensar seja objetivo, o autor não quer dizer que tudo pensa. Obviamente nem as pedras e nem os animais pensam, pois esta é uma atividade exclusivamente humana. Desta forma, as determinações da Lógica como quantidade, qualidade, etc. são as propriedades inerentes tanto ao objeto quanto à estrutura do pensar, porém a *atividade* do pensar é algo exclusivo do Eu enquanto sujeito pensante: “Mas essa expressão [pensamento objetivo] é incômoda, justamente porque ‘*pensamento*’ é usado com demasiada freqüência só como [significando] o que pertence ao espírito, à consciência; e também o ‘*objetivo*’ é usado, antes de tudo, [a propósito] do não espiritual” (Hegel, 1995a, §24, “Adendo”). E continua Hegel logo abaixo:

Quando se diz que o pensar, enquanto objetivo, é o interior do mundo, pode parecer assim que se deve com isso atribuir consciência às coisas naturais. Sentimos uma repugnância contra apreender a atividade interior das coisas como pensar, pois dizemos que o homem distingue do [ser] natural pelo pensar. [...] Em vez de utilizar a expressão *pensamento*, é pois melhor, para evitar mal-entendido, dizer ‘*determinação de pensamento*’.

Vemos que existe uma diferença crucial em dizer “pensamento objetivo e concreto” e dizer “tudo pensa”. O pensar objetivado, ou as determinações de pensamento, indicam apenas que as determinações da Lógica são a “estrutura” interna do mundo. E estas são acessíveis ao sujeito pensante. Isto porque o Eu pensante possui a mesma composição que o “pensamento objetivado”, pois em última análise é o mesmo pensar.

3. A história do pensar: entre Descartes e Hegel

Em nossa terceira e última seção, tentaremos traçar um paralelo entre as duas obras trabalhadas nas seções anteriores; procuramos com isso entender em que medida é possível aproximá-los. Para tanto, utilizaremos a obra de Hegel *História da filosofia*. Este texto não foi traduzido para o português, portanto empregaremos a edição contida na coleção *Werke in Zwanzig Bänden* intitulada *Geschichte der Philosophie*.²

Hegel (1971, p. 120) diz nesta *História da filosofia*: “Com Decartes começa, com efeito, verdadeiramente a cultura dos tempos modernos, o pensamento da filosofia moderna.”, na qual, segundo ele (p. 121), “só alcança a verdade através da reflexão.” Nesse sentido podemos afirmar que o pensador alemão acredita que uma das características dos tempos modernos é justamente o pensamento, pela qual não se tem, necessariamente, verdades dogmáticas.

A primeira tese do pensamento cartesiano é a dúvida. A próxima tese é, segundo Hegel (1971, p. 130), a certeza imediata do pensar: “o Eu tem a significação de pensamento, e não de individualidade da consciência de si. A segunda tese da filosofia cartesiana é, portanto, a da certeza imediata do pensamento”. Assim, se a primeira tese cartesiana pretendia destruir os alicerces das antigas ciências, a certeza do pensar é o primeiro pilar da nova ciência.

O pensador alemão escreve que “o pensamento é, portanto, o primeiro; a determinação seguinte acrescenta, diretamente relacionada com ele, a determinação do ser. O ‘eu penso’ envolve diretamente meu próprio ser; e este é, como diz Descartes, o fundamento absoluto de toda a filosofia” (Hegel, 1971, p. 131). Assim, se antes tínhamos o puro indeterminado, agora temos o Eu pensante, e esta é a base da filosofia verdadeiramente científica. Esta é a primeira verdade que podemos alcançar, e ela está intimamente ligada à determinação do meu próprio ser. Nesse sentido, podemos entender as palavras de Hegel (1971, p. 128) que “o espírito de sua filosofia [de Descartes] não é outra coisa que o saber, como unidade do ser e do pensar”.

Encontramos no *Dicionário Descartes* (Cottingham, 1995, p. 44):

[...] o Cogito só representa a “primeira verdade” em seu sistema no sentido de que é o primeiro elemento da existência sobre o qual podemos ter certeza [...]. É preciso ficar claro, entretanto, que o mais importante para Descartes na descoberta da certeza de sua existência não é a validade formal de um

² Todas as citações desta obra são traduções nossas do alemão para o português

certo raciocínio abstrato, mas sim um ato individual de pensamento: é na realização desse ato por cada mediador individual que a certeza de sua existência se torna evidente e indubitável.

Este movimento da obra cartesiana está relacionado ao que nos diz Hegel (1971, p. 130): “a filosofia entra em um campo totalmente novo e se situa em um ponto de vista completamente distinto, pois se move na esfera da subjetividade e do saber”.

Isso demonstra, mais uma vez, que com Descartes o homem volta ao centro do problema filosófico, e não mais a um dogma da Igreja. Não estamos afirmando que Descartes seja ateu, mas sim, que a filosofia é atividade do homem, e deve começar por ele, e, através desta atividade, pode-se buscar a verdade e a Deus.

Porém, para Descartes, o pensamento é algo subjetivo. Encontramos uma diferença com o pensamento hegeliano, pois como afirmamos na segunda seção, para este o pensar é tanto algo subjetivo como objetivo.

Moraes (2003, p. 90) ratifica nossas colocações quando diz que, “com efeito, do que se trata é do Eu cujo ponto de partida é, sem dúvida, o cogito cartesiano, no entanto vale observar que para Hegel este Eu é apenas representação do pensar e, portanto não tem como em Descartes qualquer conotação de subjetividade”. Podemos perceber que este comentador também considera, como nós, que o Eu hegeliano em seu ponto de partida possui muitas semelhanças com o cogito cartesiano.

Para Hegel, conforme mostramos em nossa segunda seção, o pensar determina o seu próprio ser, que no início é totalmente indeterminado. Vemos, portanto, uma grande aproximação entre os autores no que se refere à unidade do ser e pensar. Hegel (1971, p. 131) afirma, ainda sobre esta unidade estabelecida por Descartes, que: “O pensar como ser e o ser como pensar é minha certeza, meu Eu; no famoso *Cogito, ergo sum* contém, portanto, inseparavelmente unidos, o pensamento e o ser.”

Entretanto, embora ambos os filósofos estabeleçam uma unidade entre o ser e o pensar, as conclusões que eles tiram disto são totalmente diferentes. De um lado, para Descartes a fundamentação da ciência em um pensar o leva a uma diferenciação do corpo, pois a existência deste pode ser posto em dúvida, e por outro lado, Hegel (1995a, §20) considera, que o pensar envolve e permeia todas as outras características do meu espírito, como imaginar, intuir etc. Assim, enquanto que para Descartes a *Res Cogitans* cria necessariamente em contrapartida a *Res Extensa*, para Hegel, o pensar é capaz de permear todo o ser.

Após todas estas considerações, encontramos no §76 da *Enciclopédia* Hegel (1995a, §76) se dirigindo diretamente a Descartes, mostrando em que

aspectos são parecidos seus pensamentos e em que aspectos não são. Para ele, são iguais as seguintes características:

1º) A inseparabilidade simples do *pensar* e do *ser* do pensante. *Cogito, ergo sum* equivale, de todo, a dizer: que me foi revelado na consciência imediatamente o ser, a realidade, a existência do Eu (Descartes declara ao mesmo tempo, expressamente – *Principia philosophiae*, I, 9 –, que por pensar ele entende a consciência em geral, como tal); e que essa inseparabilidade [do pensar e do ser pensante] é o conhecimento absolutamente *primeiro*, (não mediatizado, comprovado) e o *mais certo* [que há].

Esta afirmação corrobora a nossa colocação de que a principal característica de identidade entre a *res cogitans* e o sujeito pensante é a unidade entre ser e pensar. E esta unidade é imediata, é a certeza primeira da filosofia e o primeiro conhecimento possível, que dele derivam os demais.

Assim, após todas estas passagens, podemos ver, segundo a nossa leitura, que realmente há uma proximidade entre a “*res cogitans*” de Descartes e o “sujeito pensante” de Hegel, porém o filósofo alemão desenvolve um caminho diferente do de Descartes, isto é, ele tira daí conclusões totalmente diferentes das do filósofo francês. Enquanto este último continua a sua exposição considerando que o pensamento é uma substância diferente do corpo, criando assim a possibilidade de uma filosofia dualista, Hegel compreende que o pensar permeia todos os atributos do meu espírito, pois através da atividade da reflexão somos capazes de entender sentimentos, sensações, fantasias, etc., como conteúdos do meu pensar. Portanto não há, em última análise, no pensamento hegeliano, uma substância extensa definitivamente separada do pensamento.

Considerações finais

Vemos, após todo o exposto, que este trabalho abarca dois pontos extremos da Filosofia Moderna, que começa por Descartes e termina com Hegel, unidos por uma questão central e caríssima à filosofia: o Eu.

É impossível não notar a similaridade da formulação deste conceito nos dois filósofos. Tomamos a liberdade de repetir duas citações, que postas uma ao lado da outra mostra com maior força esta semelhança. Enquanto Descartes (1962, p. 130), em suas *Meditações*, diz: “mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa”, Hegel (1995a, §20) diz na sua

Enciclopédia: “O pensar, representado como sujeito, é o [sujeito] pensante, e a expressão simples do sujeito existente como [ser] pensante é Eu”. Vemos que, segundo a nossa leitura, o ponto principal de similaridade entre ambas as filosofias, no que concerne a caracterização do Eu, é a sua identificação com o pensar. O Eu é enquanto sujeito pensante.

Inwood (1997, p. 126), no seu *Dicionário Hegel*, mostra que:

o Eu, no entender de Hegel, somente se tornou um tema explícito de filosofia com o *Cogito, ergo sum*, de Descartes. O Eu, na concepção de Descartes, não abrange todas as características que uma pessoa pode atribuir-se utilizando a palavra “Eu”, mas apenas os seus pensamentos, incluindo estados mentais de cuja ocorrência ela pode estar imediatamente certa, mas não seus estados corporais etc. Assim, Descartes inferiu que sou uma coisa pensante (*res cogitans*), à qual podem ser atribuídas características tais como substância e imortalidade.

As conclusões a que chegamos neste artigo podem ser colocadas da seguinte forma:

- 1) Ambas as filosofias se propõem a não pressupor absolutamente nada e anterior ao mesmo, para que isto não influencie a busca pela verdade e deturpem os seus resultados.
- 2) O início da Filosofia deve ser pelo pensamento em seu próprio interior, que acaba por ser identificado como a unidade entre o ser e o pensar. Porém, para Descartes, esta é uma relação fixa, universal e absoluta. A descoberta do penso, logo existo, é quase que um deparar com uma verdade auto-evidente, eterna. Para Hegel esta relação é clara, porém precisa ser construída e determinada para poder chegar ao universal.
- 3) O pensar, para Descartes, é algo meramente subjetivo, enquanto que para Hegel é tanto subjetivo quanto objetivo.
- 4) Para Descartes, o pensar pode ser distinguido do corpo, e, portanto, pode se falar em duas substâncias diferentes, que acabam por possibilitar um dualismo. Para Hegel, o pensar envolve todas as minhas representações, sendo, portanto, um pensar também objetivo que cria um ‘monismo’ onde tudo é incorporado.

Referências

COTTINGHAM, J. *Dicionário Descartes*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

DESCARTES, R. *Meditações metafísicas*. In: DESCARTES, R. *Obras escolhidas*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962. (Clássicos Garnier).

HEGEL, G. W. F. *Geschichte der Philosophie*. In: HEGEL, G. W. F. *Werke in Zwanzig Bänden*. Vol. XX. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1971.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio*. Trad. Paulo Meneses e José Nogueira Machado. São Paulo: Loyola, 1995a. Vol. I, II, III.

HEGEL, G. W. F. *Introdução às lições sobre história da filosofia*. Trad. José Barata-Moura. Porto: Porto Editora, 1995b.

INWOOD, M. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.